

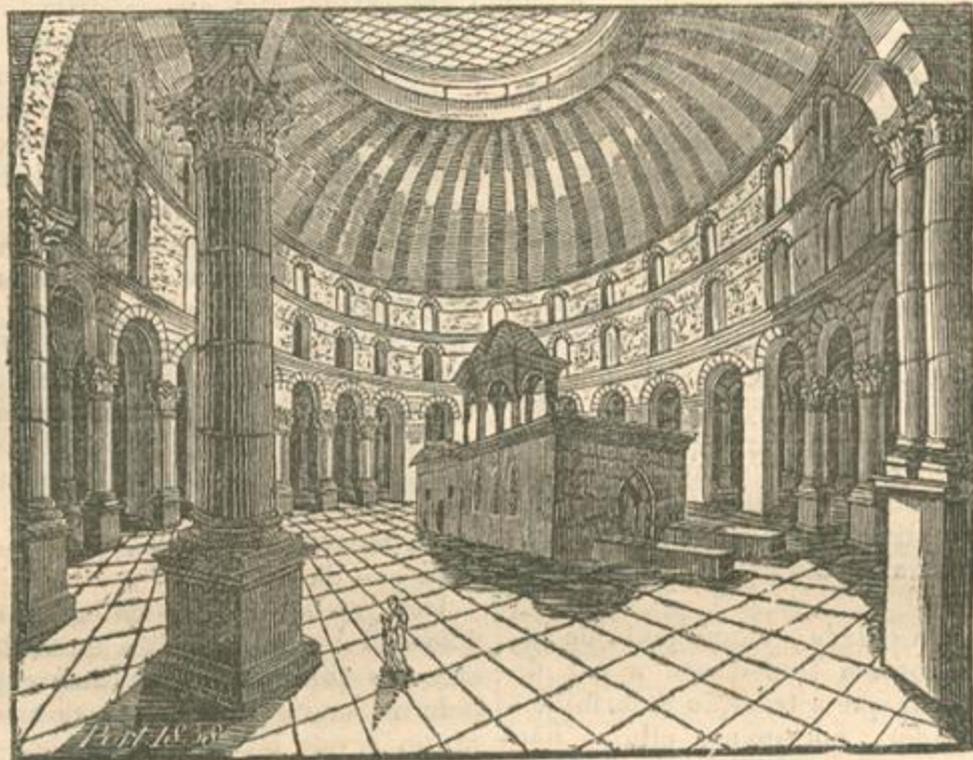
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.

49) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (ABRIL 7, 1838)



VISTA EXTERIOR DO SANCTO SEPULCHRO.

JERUSALEM — O SANCTO SEPULCHRO.

O PEREGRINO que, partindo de Jaffa, atravessa as planicies de Saron ainda ahí encontra as rosas brancas e vermelhas tão celebradas na Biblia: os lyrios, as cecens, os narcisos ainda cobrem essas desertas campinas que se estendem de Gaza até o Carmelo: raro surge um sycomoro ou uma oliveira como monumentos dos tempos que foram; mas, havendo atravessado as montanhas pedregosas da Judea, e chegando ao valle de Terebintho, o que busca Jerusalem sente que ella está proximo: a solidão, o silencio, a esterilidade, o chão nú, que nem musgo cria, são os signaes de que está visinha a cidade que Deus largou de sua mão, depois de commettido o maior crime que homens podiam commetter. O sangue do Filho do Homem, que restituiu a vida ao genero humano, esterilizou o terreno que bebeu esse mesmo sangue, derramado entre as affrontas da cruz.

El-Cods [a Sancta], nome que os turcos, senhores de Jerusalem, lhe dão, está com effeito no meio do mais horrivel ermo que talvez existe no mundo; o sólo não é, como os areas da Arabia, uma planicie movediça e esteril, onde nada falla de gerações que ahí passassem; como o oceano, onde não fica um vestigio das quilhas que o romperam; como uma selva virgem e profunda da Australia, onde ainda não resou voz humana. Não, os arredores de Jerusalem são uma solidão mais tremenda. — O areal deserto póde ainda ser convertido em fertes prados pela mão da sciencia; o oceano revela na sua magestade a magestade de Deus; ás selvas da Australia chegará ainda um dia a civilisação; mas a Judéa estará sempre um ermo, em monumento da colera divina; e nunca tornará a ser bella essa terra a quem o Senhor chamou uma vez maldicta.

De roda de Jerusalem, as collinas se acurvam ou erguem, os valles rodeam os montes, ou serpeam por entre elles, e até algumas varzeas vão salpicando

TOM. II.

aquelle territorio, e dando uma enganosa esperanza de vegetação; mas tudo é de pedra; collinas, valles e veigas: outra cousa não ha ahí que não seja lago branco cheio de rachas e algares por onde se escôa o reptil, e onde muitas vezes o camello entala e desmancha os pés. Imaginai muros desmedidos, como os do Colyseu ou dos maravilhosos theatros romanos, tombados para o lado uns juncto de outros, e cobrindo com os seus enormes pannos a terra sobre que se estenderam; é este o aspecto que apresentam as cercanias da opulenta Salem, da capital de Salomão. Quanto mais se chega a ella, mais asperas se tornam estas apparentes ruinas, e atravez de gargantas estreitas, abertas por entre os penedos, é que o viajante subitamente descobre os muros gothicos da cidade a que judeus, christãos e mahometanos, ainda hoje chamam a sancta.

E todos os homens destas diferentes crenças ao chegarem a Jerusalem sentem uma especie de involuntario terror misturado com entusiasmo. Este sentimento experimentaram os guerreiros das cruzadas chegando para combater aquelles muros guarnecidos de infieis; este sentimento experimentam os pacificos viajantes modernos. Todas as recordações das duas principaes religiões do mundo, o christianismo e o islamismo se referem a Jerusalem: — a Biblia e o Alcorão tornaram bem conhecidos os patriarchas hebreus, e a terra das maravilhas, e o povo escolhido, e seus crimes, gloria e infortunios. Sobre a moderna Jerusalem parece estender-se como um phantasma a sombra da antiga, e o vulto enorme daquelle templo de Salomão, de que já não existe pedra sobre pedra, e em cujo logar está levantada a magnifica mesquita de El-Sakara ou de Omar. Até o incredulo ao chegar a Jerusalem sente resurgir dentro da alma a crença da sua infancia, e caindo em joelhos, adora o logar onde o supplicio mais atroz foü a recompensa do Justo.

Entrando em Jerusalem, a primeira impressão que

produzira o seu aspecto exterior, vai gradualmente diminuindo: embora os guias mostrem nesta rua a casa do judeu errante, naquella a varanda de Pilatos; aqui a habitação de Caiphaz, alli a rua da amargura, e os passos pelos quaes mudou de fórma a longa agonia de Jesu-Christo; o aspecto moderno de tudo, e a inverosimilhança das historias que se contam, destroem as pias fraudes dos *Ciceroni*, que as receberam com a sinceridade da sua ignorancia, e que com a mesma sinceridade as transmittirão aos seus successores não menos ignorantes do que elles.

A moderna Jerusalem é como todas as cidades do oriente um composto de grandeza e de miseria: ao pé de mesquitas soberbas, de torres fortissimas, de formosos jardins, veem-se ruas cubertas de immundicies, choupanas humildes e miseraveis, pardieiros deshabitados, e bairros inteiros a par dos quaes a mais desgraçada aldêa de Portugal seria um modelo de elegancia, de aceio e de abastança. — Jerusalem arrasada pelos romanos, reedificada successivamente pelos imperadores christãos, pelos sarracenos, pelos conquistadores das cruzadas, e pelos turcos, nada conserva da antiga Sion senão o terreno sobre que está assentada; a montanha deste nome, cujo ambito a cidade occupa hoje, indica só que a moderna Jerusalem existe onde existiu a tão celebre capital do povo de Israel.

Póde-se dizer que esta cidade, monumento de todas as crenças, nada contem importante a par do Sancto Sepulchro. O logar que a tradição determinou fosse a jazida do Salvador, em quanto elle se não ergueu triumphante aos ceus, tem sido durante muitos seculos o alvo de milhares de peregrinações. A posse do sepulchro de Jesu-Christo foi um dos objectos sobre que a Europa disputou largos annos com a Asia, e nesta contenda morreram milhões de soldados. — O Tasso resumiu no ultimo verso da Jerusalem Libertada a idéa profunda e immensa, que arrojava para a Syria as nações christãs. Godofredo tinha conquistado a cidade de Aladino, Sion pertencia ao christianismo; mas este grande feito não estava acabado: o fim principal do piedoso conquistador era adorar o Sancto Sepulchro; ali a acção findava, e ali poz termo o poeta aos seus cantos harmoniosos.

« Adora o grão Sepulchro, e cumpre o voto. »

A historia ecclesiastica e a tradição fazem remontar a edificação da basilica do Sancto Sepulchro ao tempo de Constantino chamado o grande, isto é, ao 4.^o seculo. Contam que Helena, mãe daquelle imperador, descobrira o logar em que jazia enterrada debaixo de um edificio a campa que escondera por algum tempo o corpo do Redemptor: a ella tambem se deve, segundo os historiadores ecclesiasticos, a invenção da verdadeira cruz. Helena cubriu os logares sanctos de templos, capellas e altares, de que hoje mui poucos ou nenhuns fragmentos existem: a mão do tempo não respeitou mais os monumentos da religião, do que costuma respeitar as memorias das humanas obras.

O templo do Santo Sepulchro, de que vamos falar com maior individuação, foi o que resistiu mais longamente á mão destructora do tempo. Ha ainda poucos annos, que um incendio o reduziu a ruinas. Esta antiga igreja não apresenta hoje senão um montão de entulhos: os sacerdotes que alli celebravam as ceremonias dos differentes cultos christãos já não teem asylo; mas os canticos não cessaram; e ainda que estes só resoem sobre restos dispersos e derrubados, os logares sanctos continuam a ser um objecto sagrado para os fieis de diversas seitas que alli reune uma

crença fundamentalmente commum. A seguinte descripção que desse antigo templo fazemos refere-se portanto a 1832, anno em que a visitou o celebre Lamartine.

A igreja do Sancto Sepulchro é, principalmente no exterior, um edificio vasto, construido no gosto da architectura byzantina, isto é, no gosto decadente que vogava no tempo dos imperadores christãos de Constantinopola: apesar disso o seu aspecto é solemne e grave, se attendermos á epocha em que foi edificada. Comparando-a com outras obras contemporaneas, acha-se que é superior a todas. Sancta Sophia em Constantinopola, muito mais affamada e colossal, é tambem muito mais barbara na sua fórma, não passando de ser por fóra uma montanha de pedra, ladeada de collinas tambem de pedra. O Sancto Sepulchro, pelo contrario, é um zimbório elegante e esculpido, onde os graciosos contornos das portas e janellas, dos capiteis e cornijas, dão áquella grande machina notavel formosura e magestade. — Ainda que fundamentalmente esta obra pertença ao tempo de Constantino, os reis de Jerusalem na epocha das cruzadas a foram renovando com a architectura meio-occidental e meio-mourisca que então se usava no Oriente. A sua fórma actual vê-se da gravura que damos.

Debaixo do zimbório da igreja e no centro do edificio está um monumento quadrilongo, ornado com algumas pilastras e com uma cupola de marmore, tudo de mau gosto, e de traça mesquinha e extravagante. É este o Sancto Sepulchro construido de novo em 1817 por um architecto europeu, e á custa da igreja grega, que está de posse delle. Da nossa segunda gravura se póde conhecer melhor a sua situação e desenho.

Apesar de pertencer este monumento aos sacerdotes da religião grega, os guardas do templo são os turcos, que só podem abrir ou fechar o Sancto Sepulchro. Relações falsas de peregrinos os teem accusado de irreverencia aos logares sagrados dos christãos: o testemunho, não suspeito, de Lamartine desmente esta accusação. Eis as suas palavras:

« Nada vi, no modo ou gestos dos turcos, dessa irreverencia de que os accusam. Não entram na igreja, e estão á porta: fallam aos christãos com a gravidade e respeito proprios do logar. Possuidores, por direito de conquista, do sacro monumento do christianismo, não o destroem, nem lhe soltam as cinzas ao vento; conservam-no e mantem nelle ordenança, regularidade, e silenciosa veneração, tal como não lhe guardam as differentes communhões christãs que disputam sobre a posse delle. Tractam com grande vigilancia de que a commum reliquia de todos os que se chamam christãos seja conservada para o culto de todos elles. Se não fossem os turcos, este sepulchro, sobre que porfiam os gregos, os catholicos, e innumereveis outras ramificações do christianismo, já cem vezes teria dado motivo a rixas entre estas seitas traiçoeiras e emulas, teria tocado exclusivamente, ora a uma, ora a outra, e teria, sem duvida, sido fechado a todos os inimigos da communhão dominadora. — Não vejo, pois, nisto materia para accusar os turcos. Essa sonhada intolerancia selvagem, de que os criminam os ignorantes, não apparece senão pela tolerancia e respeito por tudo o que os outros homens veneram e adoram. — Os mussulmanos não deixam de respeitar cousa alguma em que encontrem a idéa de Deus: podemos chamar lhes o povo mais tolerante do mundo. — Mettam os christãos a mão na consciencia, e digam o que fariam se a sorte da guerra lhes desse o dominio da Méca e da Kaaba. Viriam acaso os turcos de todas as regiões da Europa e da

Asia, venerar ahí pacificamente os monumentos que restam do mahometismo?"



VISTA INTERIOR DO SANCTO SEPULCHRO.

O CHRISTIANISMO.

O CARACTER estampado na frente do seculo actual é o individualismo ou, mais claro, o egoismo. O furor dos diversos bandos civis, que pelejam por sustentar umas fórmulas de governo ou por derrubar outras, e as luctas das opiniões litterarias scientificas e religiosas, não são por certo resultado de convicções profundas, como o eram as cruzadas, ou as reformas protestantes nos tempos de uma fé viva. Na epocha em que vivemos, o scepticismo que herdamos do seculo passado, e uma dialectica manhosa e corrompida tem tornado problematicas as mais importantes questões sociaes, bem como as questões de menos monta, debatidas nos lyceus e escholae. Morta assim a convicção, o indifferentismo ácerca de todo o genero de verdades mirrou a generosidade no coração do homem, para quem só existe um principio indubitavel — a conveniencia do proprio proveito. É este o cancro que roe todas as sociedades, e ao qual nunca poderão dar remedio os trabalhos dos politicos, ou os progressos das artes da civilisação.

Se apparecesse uma philosophia que pela força dos seus argumentos simples e irresistiveis, pela clareza das suas próvas podesse restituir aos espiritos entorpecidos o vigor da persuasão profunda: se esta philosophia ensinasse a abnegação do amor proprio exclusivo, e aconselhasse a philantropia como o primeiro dever; se esta philosophia consolasse o justo opprimido dando-lhe a certeza de premio immortal, e incutisse na mente do perverso o prospecto de inevitavel castigo, seria ella quem regeneraria o mundo, e que, em quanto o progresso das sciencias e das artes pule e melhora exteriormente o genero-humano, destruiria o intoleravel egoismo, que destroe ou affeia o formoso edificio da moderna civilisação.

Existirá em alguma parte esta philosophia benefica? — Sem duvida: — e se a quereis encontrar buscae-a no Evangelho. Durante 1:700 annos a custo achareis na historia da Europa uma acção virtuosa, um feito generoso, que não nascesse do christianismo. — Guerreou o seculo passado esta religião divina: quasi a pôz por terra; e os effeitos dessa loucura caíram sobre nós como uma terrivel maldicção, como uma herança de morte, que importa não transmittir á geração futura.

E é só para esta que a regeneração é possível: levados pela lepra da incredulidade não podemos sarar: porque não está em nossa mão crer ou deixar de crer. Quando a educação, os livros, e o sentir daquelles que nos rodeam, apagou em nossa alma o selo da cruz; quando não detestamos nem amamos a religião; quando sem terror, mas tambem sem esperança nos vamos atirando ás sombras do futuro e do sepulchro, a seve da vida intima está morta, e não resuscitará por mais que lhe queiramos restituir o alento com os nossos sinceros desejos. Foram os que antes de nós vieram que assassinaram, não a sua, porém a nossa fé. Elles que por todos os modos guerreavam o christianismo, faziam-no porque, apesar seu, criam nelle; em nós, que não combatemos nem seguimos o Evangelho, em nós é que a crença está morta.

Estas sociedades que se agitam e tumultuam sem uma fé que as ligue á moral em nome de um principio absoluto: o genero-humano separado de Deus por um abysmo de indiferença e de esquecimento, é em verdade — espectáculo espantoso! — Sancionada a virtude só pela opinião publica, ella desaparece da vida domestica e de todos aquelles logares não vistos da multidão. O bom procedimento é como uma qualificação para ganhar a subsistencia, como um titulo para servir os cargos publicos: a sociedade que não examina o proceder particular, que só requer do cidadão a compostura e a probidade nas suas relações externas, dá valia igual ao hypocrita sagaz e ao homem sinceramente virtuoso. Quereis saber o que é um homem honrado perante o tribunal do mundo? É aquelle que obedece restrictamente ás leis civis, que paga os tributos, e que foge dos logares publicos de dissolução, que cumpre sua palavra, que é decente, em fim, na sua linguagem e porte. Embora seja máu pae, máu filho, máu irmão: embora converta a sua habitação em sentina de vicios: seja acautelado neste seu intimo proceder: ignore o mundo qual elle é, que a lei o escudará contra os tiros da maledicencia, e a sociedade dirá vendo-o passar: eis alli um cidadão honrado, em quanto diante dos olhos da Providencia elle é um malvado insigne.

Dizemos acaso isto para provar que as leis civis são insufficientes como regras da sociedade? — Não, por certo: mas dizemo-lo para provar que o são como substitutas da lei religiosa. A sociedade politica nasceu da familia; mas a familia não acabou com a existencia da sociedade: esta tem por guias, as leis, a opinião publica, a honra: a familia não póde ter outra guia senão a religião.

E não se creia que a immoralidade domestica não deve importar ao corpo social: ella trasbordará dos aposentos occultos para a praça publica, logo que os homens dissolutos forem em maior numero que os virtuosos; porque a sociedade, emanação perenne da familia, representa sempre o estado desta, e quando a corrupção tiver gangrenado a maioria, os hypocritas arrojão as mascaras, e mostrarão as faces hediondas diante da luz do sol.

Para os entendimentos claros o que temos dicto é uma verdade assentada. D'ahi nasce o trabalharem os mais notaveis escriptores da Europa por vivificarem o espirito religioso. Não affirmamos que elles estejam inteiramente firmes no christianismo que professam: mas nem um momento duvidamos de que a sua convicção intima seja a necessidade de restituir o antigo lustre e preço á philosophia do Evangelho. Assim as intelligencias summas são sempre os órgãos do instincto e tendencia da epocha em que vivem, e nunca superiores a elle. No seculo passado o progres-

so do genero-humano requeria o dominio do principio de absoluta discussão; porque era tempo de desabarem tyrannias e superstições. Diante do tribunal da razão appareceram leis, crenças, instituições, costumes: tudo foi condemnado, com justiça ou sem ella, e a sentença vae-a cumprindo o nosso seculo. Os ingenhos communs não comprehendem estes grandes juizos da humanidade; porque não abrangem o todo dos successos, e não observam senão as contradicções particulares, os absurdos que apresentam o passado e o futuro, encontrando-se no presente. Daqui procede o espanto que a muitos causa o verem, depois de uma epocha de incredulidade, outra em que o sentimento religioso, evangelisado a principio como a medo, começa já a ser dominador na maior parte dos espiritos mais illustrados e vigorosos. Não se lembram os taes que o genero-humano nunca destroe senão para reedificar, e que o coração do homem não soffre por muito tempo a negação de toda a casta de certeza, a morte de toda a esperanza e de toda a fé.

O instincto religioso dos nossos contemporaneos revela-se por mil modos diversos: as extravagancias, as exaggerações de varias especies de seitas se podem comparar aos desvairados modos porque se espalha a agua d'um rio caudal abysmando-se n'uma catadupa. Alli as correntes trepam muitas vezes rochedos que encontram na quéda: alli as ondas jorram, e redemoinham nos ares: alli se contradizem apparentemente as leis naturaes; mas isto tudo é produzido pela impetuosidade do rio. As seitas occultas que diariamente nascem, que são? — Que são os differentes credos dos sectarios de São-Simão, dos Néo-Jerosolimitanos, dos Racionalistas? — Que são as opiniões de Gruner, de De Voss, de Sleinbart? — Expressões do elemento moral do seculo, torcidas pela opposição da philosophia destructora do passado. Nascida no scepticismo a raça actual não póde inteiramente cumprir a sua missão regeneradora; porque ha uma lucta nos entendimentos. Quem ha de vencer o combate? Indubitavelmente o futuro.

Que nos cabe pois a nós? — Preparar os nossos filhos para o destino que os aguarda: crentes ou incredulos que sejamos, educar religiosamente aquelles que o progresso da humanidade exige que sejam religiosos. Ainda está occulto no porvir qual será o symbolo universal do christianismo; mas a missão do presente é a *religiosidade*.

Superior á intelligencia de muitas pessoas será o que temos escripto: porém haverá paes de familia que nos entendam. Nas vespervas da semana, em que o catholicismo celebra a mais augusta das suas pompas, em que o seu culto ostenta a primazia entre todos os cultos das outras communhões christãs, julgamos poder alevantar a voz em favor da religião, que tão esquecida anda em o nosso Portugal. Respeitando todas as opiniões, trouxemos a lume a nossa convicção: fallámos em nome da moral publica, em nome da humanidade, e em proveito da Patria. Não nos farão córar os motejos daquelle, por quem se póde dizer o que Jesu-Christo dizia dos que o cubriam de affrontas: *Perdoae-lhes, Pae, porque não sabem o que fazem.*

FR. THOMÉ DE JESUS.

FR. Thomé de Jesus foi irmão do chronista Francisco de Andrade, e de Diogo de Payva, cuja biographia escrevemos no 2.º numero deste Jornal. Tendo entrado na ordem dos eremitas de Sancto Agostinho, foi um dos nomeados por elrei D. Sebastião para acompanharem, como capellães, o exercito que o in-

feliz monarcha levou a perecer nos campos de Alcaer-quibir. No dia do combate, andando no meio dos soldados, animando-os a pelear foi ferido e captivo. Levado a Mequinés, e lançado no fundo de um calabouço, padeceu por largo tempo fomes, sedes e ludibrios. Ahi, nas horas em que uma escaça luz lhe permittia escrever, compoz o admiravel livro, intitulado "*Trabalhos de Jesus.*" Tirado daquelle dura prisão pelo embaixador portuguez D. Francisco da Costa, que fôra a Marrocos tractar da redempção dos captivos, saíu do carcere em tão lastimoso estado que parecia um cadaver. O seu apparecimento entre os companheiros de infortunio, que no meio da desgraça ainda alimentavam odios e vicios, foi um signal de bonança. Este anjo de paz acalmou as paixões, e reformou os costumes daquelles homens corruptos. Quizeram seus parentes, poderosos em Portugal, resgata-lo: mas o homem evangelico preferiu a servidão e a miseria á liberdade e ao repouso; porque a sua missão de caridade ainda não estava acabada. No meio dos seus trabalhos apostolicos Fr. Thomé falleceu em Marrocos, venerado dos infieis pelas suas virtudes, e chorado dos christãos, de quem era consolação e abrigo.

O livro dos *Trabalhos de Jesus* saíu á luz muitos annos depois da morte de seu veneravel auctor: só em 1602 se imprimiu em Lisboa a 1.ª parte, e a 2.ª em 1609. Em 1666 se reimprimiram ambas na mesma cidade em um volume de 4.º É esta a edição mais valiosa, não só pelo aceio com que foi estampada; mas porque nella se accrescentou uma carta do auctor, dirigida á nação portugueza depois do infeliz successo da expedição. Neste papel se encontra o seguinte paragrapho, assaz curioso, por que mostra as difficuldades que o cercavam na composição desse maravilhoso livro:

"Cometti esta obra, havendo por industria e muito segredo, papel e tinta, e escrevendo as mais das vezes sem mais luz que a que entrava por gretas da porta, ou agulheiros e buracos das paredes. Furtava para isto o tempo, por me não verem e os mais aparelhos necessarios, se não só o que de graça a luz divina a meus interiores e cegos olhos dava, sem eu lho merecer."

Uma obra escripta em semelhante situação, guiada por inspirações tão extraordinarias, devia ter um cunho muito original. Com effeito os *Trabalhos de Jesus* inspiram uma tão suave melancholia, uma resignação tão meiga, que a sua leitura por vezes excita a lagrymas. A Europa fez justiça a este livro piedoso: apenas publicado, appareceram traducções delle em hespanhol, francez, italiano e latim; e das edições portuguezas, até a 3.ª [1733] já hoje se tem tornado pouco vulgar.

Escreveu Fr. Thomé de Jesus outros opusculos; mas estes são de pouca monta comparados com os *Trabalhos de Jesus*.

ALTERAÇÕES DO NIVEL DA AGUA NO BALTICO.

No TEMPO de Swedenberg, que escreveu em 1715, observou-se que o nivel do Baltico, e do Oceano germanico declinava. No meado do seculo passado houve na Suecia uma acalorada discussão ácerca da realidade e causas deste phenomeno. Hellant de Tornea, certificado por seu pae, velho barqueiro, e além disso testemunha ocular por suas experiencias, legou os seus bens á academia das sciencias com a condição de que ella proseguiria na investigação do phenomeno; a somma era pequena, mas o legado correspondente ao intento. Alguns dos membros da academia

collocaram signaes em rochedos avulsos situados em bahias abrigadas, memorando os dias em que os marcos foram postos, e as alturas que tinham então acima d'agua. O Baltico facilita muito estas experiencias, porque allí não ha marés, nem circumstancias, que influam sobre sua superficie, excepto uma desigual pressão da atmospherica sobre o seu nivel e o do oceano; isto produz uma variação curiosamente exemplificada no lago Malar, juncto de Stockolmo. Assim como o barometro sobe ou desce, o Baltico corre para o lago, e o lago para o Baltico. Comtudo a variação, que resulta da desigualdade da pressão atmospherica é insignificante. Em sitios abrigados crescem musgos e lichens á borda d'agua, e assim formam um registo natural do nivel da mesma. Sobre esta linha de vegetação se pozeram signaes, que estão agora em muitos logares dois pés acima do nivel d'agua. Nos annos de 1820 a 1821, Brunerona visitou as antigas marcas, mediu a altura de cada uma acima da linha de vegetação, fixou novas marcas, e fez seu relatorio á academia. Com este relatorio se publicou um appendix por Halestrom, comprehendendo as medições, que elle e outros fizeram na costa de Bothnia. Destes documentos resulta; 1.^o que ao longo da costa do Baltico a agua está mais baixa relativamente á terra do que estava; 2.^o que a variação não é uniforme. Segue-se daqui que ou o mar e a terra tem ambos soffrido alteração de nivel, ou a terra somente; a mudança de nivel no mar só não explicaria o phenomeno. Ha vinte e seis annos que Mr. Von Buch declarou a sua convicção de que a superficie da Suecia vagarosamente se levantou desde Frederickshall até Abo, e accrescentou que a elevação provavelmente se estendeu á Russia. E' tão forte a presumpção da verdade desta doutrina, que exige que semelhantes experiencias e observações se instituam, e continuem, por uma serie d'annos em outros paizes, no intuito de determinar se em mais algumas partes tem paulatinamente acontecido alguma alteração de nivel. A Associação Britannica para o progresso das sciencias já tomou isto a seu cargo, destinando uma commissão para indagar factos satisfactorios, afim de determinar a questão relativamente ás costas da Graã-Bretanha e da Irlanda; e é de esperar que se proceda a semelhantes investigações nas costas de França e da Italia.

BREVE IDEA DA MILICIA GREGA E ROMANA.

Os GREGOS e romanos não tinham exercitos permanentes em tempo de paz; e quando havia guerra todos os cidadãos, capazes de pegar em armas, eram soldados. Os seus corpos militares vinham a ser, entre os gregos, a phalange, a qual se compunha de 8:000 homens, que se formavam n'um batalhão quadrado, com os escudos unidos, e com as lanças enristadas, cruzando umas pelas outras; entre os romanos o exercito constava de legiões, cada uma das quaes consistia em 6:000 homens, divididos em 10 cohortes, e cada cohorte em seis centurias, com um *vexillum* ou bandeira, guardada por 10 homens. A cada legião pertencia uma ala de cavallaria de 300 homens, que faziam 10 turmas. O commandante de cada legião chamava-se *prefeito*; o de uma cohorte, *tribuno*; e o de cada centuria, *centurião*. As bandeiras consistiam n'uma aguia de prata, hasteada n'uma lança. Nos tempos da republica os generaes se chamavam *imperatores*, mas quando Cesar converteu a republica em imperio, e tomou o titulo de imperador, ficaram-se chamando *duces*, d'onde proveio o moderno titulo de duque.

As legiões romanas formavam-se ordinariamente em tres linhas, e havia nellas diferentes especies de soldados: os que se punham na linha da frente, chamados *hastati*, e que eram sempre mancebos; os que pertenciam á linha immediata, chamados *principes*, que eram os homens feitos; e enfim os *triarii* que eram os veteranos e que formavam a linha da retaguarda. Havia além disso soldados ligeiros, semelhantes aos nossos caçadores, que serviam para sairem a escaramuçar com os inimigos, e se chamavam *velites*. Estes usavam de arcos, fundas e dardos: os outros de espadas de dois gumes, e de lanças, e andavam armados de escudos e elmos. Todos os soldados sabiam pelejar com ambas as mãos.

As principaes machinas de guerra dos antigos consistiam nos arietes, assim chamados por se parecerem com uma cabeça de carneiro; o comprimento de toda a machina era de 60 a 100 pés, e para a fazer trabalhar eram necessarios 40 ou 50 homens que se revesavam, de pedaço a pedaço, com outros. Estes arietes serviam para bater os muros das fortalezas, e a força dos maiores que havia, era igual ao tiro de uma peça de 36.

Tinham os antigos, além dos arietes, as balistas, que arrojavam pedras, e as catapultas que despediam virotões ou grandes frechas. Estes engenhos faziam as vezes da moderna artilharia. Havia balistas que atiravam pedras de 200 ou 300 arrateis de peso, e catapultas que alcançavam com uma frecha á distancia de meia milha.

BENEFICIOS DA GUERRA.

A SEGUINTE tabella dá o numero de pessoas que [por um calculo o mais approximado que é possível fazer em cousa tão incerta] tem morrido nas guerras notaveis, ou em consequencia dellas, desde que conhecemos a historia do mundo; isto é, de 4000 annos a esta parte.

	Milhões.
Guerras de Baccho, o conquistador da India . . .	15
De Sesostris, rei do Egypto	15
De Semiramis, rainha de Babylonia	10
De Cyro, rei da Persia	10
De Cambyses, &c.	25
De Alexandre Magno	10
Dos seus successores	20
Dos Judeus	25
Da republica romana	60
Dos gregos	15
De outros povos antigos	25
Dos 12 primeiros imperadores romanos	30
Do imperio romano depois delles	60
Das nações do norte	50
Da idade media	40
Das cruzadas	40
Dos sarracenos	60
Da reforma de Luthero, Calvino, &c.	30
Dos tartaros	30
Dos turcos	60
Dos chins	100
Da revolução franceza até a quéda de Napoleão	60
Das guerras da America	40
Das guerras de Africa	100

Total 980

DICTO AGUDO DO P.^o VIEIRA.

O P.^o VIEIRA não só foi o maior orador do seu tempo, e um consumado politico, mas tambem agudo e engraçado, do que é prova a seguinte anecdota.

Tinha o padre Vieira aconselhado a elrei compra-

se a um rico negociante de Amsterdam trinta embarcações de guerra que o vendedor se obrigava a apresentar no porto de Lisboa por 20:000 cruzados cada uma, e que, sendo o importe total 600:000 cruzados, pozesse um pequeno tributo na frota que havia chegado do Brasil, o qual bastaria para pagar a somma que custava a esquadra, destinada principalmente a resgatar as nossas colonias da America das mãos dos hollandezes. Dava o esperto jesuita a razão do seu conselho, dizendo que os hollandezes já senhores de Pernambuco, brevemente atacariam as outras possessões portuguezas no Brasil, e que a unica maneira de os conter seria o nosso poder maritimo. Recommendeu elrei ao padre Vieira que pozesse isto tudo n'um papel; *mas sem labia*. Assim o fez o jesuita, e fallando d'ahi a poucos dias com D. João 4.^o, este lhe disse que, tendo apresentado o seu papel no conselho d'estado, os conselheiros tinham dicto que estava aquelle negocio muito cru. — Passado algum tempo mandou elrei chamar o padre Vieira a toda a pressa, e apenas chegado ao passo lhe disse: « *Sois propheta. Hontem á noite chegou a noticia de ter sido atacada a Bahia pelos hollandezes?* » O jesuita, sem se alterar, respondeu: *o remedio, senhor, é muito facil. Não disseram a V. M. os ministros, que aquelle negocio era muito cru? Pois os que então o acharam cru, cozam-no agora.*

Eram com effeito precisos 300:000 cruzados para socorrer a Bahia. Os ministros julgavam impossivel alcança-los: entretanto o jesuita, *com a sua roupeta remendada*, os fez brevemente apparecer.

SEVERIDADE D'UM GENERAL GENEVEZ.

SIMÃO VIGNOSO, general do exercito genevez que se apoderou da ilha de Chio, em 1346, deu nesta expedição exemplos mui raros de justiça e humanidade. Tendo prohibido a todos os soldados que saíssem do acampamento para irem roubar os habitantes da ilha, foi informado de que seu filho, em menoscabo desta prohibição, entrara n'uma vinha e colhera alguns cachos de uvas. Ordenou logo que o trouxessem á sua presença e disse-lhe: « Presumias talvez, por seres meu filho, escapar do castigo que merece a tua desobediência, pois sabe que a justiça tem mais poder em mim do que a natureza. Quando falla a primeira deve emudecer a segunda. Cesso de ser teu pae; considera-te na presença do teu juiz, defende-te, que elle está prompto para ouvir-te antes de proferir a sentença. »

Como o mancebo nada respondesse em seu abono, seu pae lhe mandou pendurar os cachos d'uvas ao pescoço, e o fez açoutar por toda a cidade. Alguns amigos o accusaram de demasiada severidade, e persuadindo-se de que Simão tinha desejos de conceder o perdão a seu filho e estimaria que lho pedissem, começaram a fazer-lhe rogativas, que elle atalhou immediatamente dizendo lhes: « A disciplina militar deve ser respeitada, e exige um exemplo. Sinto que a sorte o fizesse cair em meu filho; mas por isso mesmo será mais poderoso. Quem ousará desobedecer depois de ter visto que nem o titulo de meu filho o salvou do castigo? »

UM POLVO DE ENORME GRANDEZA.

CERTO capitão por nome João-Magnus Dens, navegante veridico e homem respeitavel, depois de haver feito algumas viagens á China, tinha finalmente vindo descansar dos seus perigos e expedições maritimas

em Dunkerque, onde falleceu ha poucos annos, n'uma idade muito avançada. Referiu elle que em uma das suas viagens, achando-se aos 15 graus de latitude sul, a curta distancia da costa d'África, e na altura da ilha de Santa Helena e de Cabo-Negro, lhe sobreviera uma calmaria, que quiz aproveitar para limpar e raspar a embarcação pela parte de fóra. Penduraram-se ao longo do costado algumas taboas, onde se assentaram os marujos munidos das suas ferramentas. Quando estes estavam a trabalhar com toda a attenção, ergueu-se repentinamente do seio dos mares um animal gigante, e com um dos braços enlaçou os corpos de dois marinheiros, e, juncto com o andaime, os arrebatou e mergulhou no mar. Lançou depois outro braço para apanhar um homem da companhia, que se dispunha a trepar á mastreação, e que já estava nas primeiras enfrechaduras dos ovens; porém como o polvo tinha ao mesmo tempo aferrado as grossas cordas que sustem os mastros ficou-lhe o braço prezo de maneira que não pôde arrancar esta terceira victima, que começou a dar lastimosos bramidos. Correu toda a tripulação em seu socorro; alguns marinheiros lançando mão dos harpeus e fiskas os arremegaram sobre o corpo do animal, em que se cravaram profundamente, em quanto outros marujos com as suas facas e machadinhas cortaram o braço que cingia o desgraçado marinheiro, ao qual foi preciso segurar para não cair no mar, porque tinha de todo perdido os sentidos.

Carregado de dois homens, e levando no corpo o ferro de cinco harpeus, procurou o polvo abysmar-se de novo valendo-se unicamente do seu enorme peso. O capitão Dens, não perdendo ainda a esperança de salvar os seus marinheiros, fez largar as linhas dos harpeus, mandando que só os arreassem á medida que sentissem puxões; porém quando as linhas chegaram quasi á ponta, ordenou que as amarrassem á amurada, operação que, por mui pouco tempo, pareceu surtir bom effeito, porque o animal deu indícios de se deixar trazer ao de cima d'agua. Tinham já recolhido obra de cincoenta braças, porém o polvo pesando outra vez sobre as linhas, que de novo foi forçoso arrear-lhe, tirou toda a esperança aos marinheiros. Prenderam pois tão sómente as pontas das linhas, e continuando o monstro a engolfar-se, partiram quatro das linhas, e o harpeu da quinta descravou-se e saiu do corpo do animal, fazendo estremecer a embarcação.

Até alli tinha o capitão Dens julgado fabulosa a existencia do mollusco cuja realidade se viu constrangido a confessar. Quanto ao homem que com tanta violencia fóra espremido entre as articulações d'um dos braços do monstro, e ao qual o cirurgião prestou todos os socorros possiveis, estava quasi inteiramente suffocado, e na noite seguinte morreu tresvariado. A parte do braço que fóra cortada do corpo do polvo, e que ficára embaraçada nas enfrechaduras dos ovens [escadas de corda dos navios], tinha tanta grossura na base como uma verga grande, e acabava em ponta agudissima; era guarnecida de vesiculas convexas ou chupadoiros de boa largura. Ella tinha 5 braças, e como o monstro não tinha deitado a cabeça fóra d'agua, avaliava o capitão o comprimento total do braço em 35 a 40 pés.

DESTINO DOS LIVROS:

PUBLICAM-SE na Inglaterra 1:000 obras cada anno, das quaes 200 dão perda, outras 300 nenhum lucro produzem, 100 dão um lucro ordinario, e 100 um ganho consideravel. No espaço d'um anno caem no

esquecimento 700, no de dois annos 100 destas, e ao de tres 150; sobrevivem apenas 50 sete annos, e ao cabo de vinte annos, d'essas mesmas somente se conserva memoria d'umas 10.

Encadernações curiosas.—Refere Dibbdin, bibliophilo inglez, que certo curioso mandou encadernar em pelle de veado um tractado sobre a caça; que outro fez cubrir com pelle de raposa a historia de Jacques 2.^o, por Fox [em inglez *fox* quer dizer raposa], e que o doctor Askin, celebre como bibliophilo e como medico tinha um livro encadernado em pelle humana.

AS BOAS OBRAS.

Moralidade oriental.

ÁA a acabar o anno. Assentado á sombra de uma palmeira, o rico Hassan deitava conta com extrema satisfação ás boas obras que tinha practicado.

«Quatro bolças á mesquita d'Ispahan, e tres á grande caravana de Méca: mais, uma esmola a um sancto derviz para rezar por mim; mais, um pão por semana á minha vizinha, que, apesar de ser pobre, sustenta e educa um orpham.»

Em quanto cheio de contentamento Hassan põe diante dos olhos do Eterno estas diversas parcellas, vê uns dedos delicados que apagam o que elle acabara de escrever, á excepção da ultima verba.

O persa volta a cabeça enraivecido para punir o insolente que vem perturbar os seus calculos. Um genio, e cujas azas resplandeciam como se fossem de ouro, e vestido com um vestuario ethereo, estava encostado á sua cadeira.

«Sou, lhe disse o anjo, aquelle a que Deus incumbiu o levar perante o seu throno as boas obras que, semelhantes ao perfume de um sacrificio, são feitas sem interesse, e que por isso são verdadeiramente meritorias. Segundo as instrucções que tenho, emendei o calculo que tu estavas fazendo.»

Assim fallou Azariel ao orgulhoso homem rico, e como uma leve nuvem desapareceu diante dos olhos d'elle.

PROCESSO DE MR. CIRARD CIL, PARA CURTIR AS PELLAS DE CARNEIRO E CORDEIRO CONSERVANDO-LHES A LAÃ.

LIMPAM-SE principalmente muito bem as pelles pelos processos ordinarios, depois egualam-se-lhes os pellos á tesoura, e ficam promptas para ser curtidas. Para este effeito estendem-se e pregam-se em caixilhos, e estes põem-se em cima de cavaletes, de maneira que a laã fique para baixo e o carnoz para cima. Feito isto deita-se-lhes por cima uma infusão de sumagre na proporção de uma libra por treze quartilhos d'agua. Faz-se depois, com o auxilio d'uma faca, que este cortume se entranhe pelo couro, e deixa-se seccar. Depois de estar tudo bem secco volta-se o caixilho de modo que a laã fique para cima, e então lava-se abundante e cuidadosamente com uma dissolução forte de sabão muito alcalino. Acabada esta lavagem faz-se outra em agua bem clara. Deixa-se enxugar a laã que já deve estar perfeitamente limpa, e depois curte-se com a mesma preparação de sumagre como se fez da parte do avesso, e depois de tudo bem enxuto aliza-se e amacia-se esfregando com pedra pomes.

Se depois se quizer tingir a pelle, basta deixa-la estendida no caixilho e mergulhar o lado da laã n'um banho da cor que se pretende. A composição da tin-

ta nada tem de particular, pois é a de que ordinariamente se servem para tingir as laãs. Quando se tirar a pelle da tincta em que esteve de molho deve-se lavar outra vez para tirar-lhe tudo quanto se lhe houver apegado dentro da tincta. Concluida a operação tira-se a pelle do caixilho, prompta já para ser posta á venda.

EXTRACÇÃO DA POTASSA CONTIDA NAS MARAVILHAS.

A POTASSA tem tantas applicações, ainda abstrahindo de que é quasi indispensavel para o fabrico do salitre, que até na França onde os processos chimicos se acham tão aperfeigoados, vemos que se procuram os meios de evitar que saiam do paiz enormes sommas que se dispendem na compra deste alcali trazido d'America e dos diversos estados do norte da Europa. É notorio que n'outro tempo se olhou tambem por isto em Portugal, e se mandaram estabelecer de ordem do governo nitreiras artificiaes, mas esta empreza não foi ávante, e estamos persuadidos de que assim o salitre que se gasta na fabrica da polvora, como toda a potassa necessaria para as saboarias, e outros misteres, são comprados aos estrangeiros. Não será pois fóra de proposito transcrever aqui parte de um artigo d'um jornal francez, sobre este assumpto, advertindo desde já que o bom resultado deste ramo d'industria depende muito da escolha das plantas, assim como das operações que, depois da colheita, se praticam nas officinas.

Entre as numerosas plantas olhadas como inuteis, e que aliás contem grande quantidade de potassa, ha uma que poderia ser cultivada com preferencia para se obter o dicto alcali. É esta a *maravilha commum dos jardins*, planta que, como todos sabem, é muito vulgar: semeia-se todos os annos, e é susceptivel de ser cultivada em todos os climas. Ellla fórma uma especie de arbusto copado, parte do qual se cobre de flores a contar do mez de Julho; do pé lhe saem numerosos rebentões, e todos os mezes, até o fim de Outubro, se podem ir cortando os ramos que se vão enchendo de sementes: chegada essa epocha arranca-se a planta inteira.

Parece que esta planta dá um grande producto cada anno, porquanto, segundo diversas experiencias feitas em 1811 por Mr. Villiers Kforne, conheceu-se ser mais abundante em materia alcalina do que a maior parte dos vegetaes, citados como maãs proprios para a extracção da potassa. Ella se extrae tanto dos troncos como da raiz das maravilhas, e as cinzas produziram uma porção de salino superior á terça parte do seu peso. Mr. Villiers chegou a crer que attenta a quantidade de córtes que a planta pode soffrer durante os quatro mezes da sua existencia, uma porção de terreno de cem varas em quadro, poderia produzir mil arrateis de salino.

NOVO TELEGRAPHO.

MR. KIENINGER acaba de inventar, na Austria, um novo telegrapho. Vem este a ser um telegrapho acustico, ou de sons, consistindo em um tubo da fórma de um porta-voz, de seis pés e cinco pollegadas de comprimento, que em 11 segundos e um decimo, leva o som á distancia de 12:000 pés. Fizeram-se experiencias em Vienna, com este instrumento, e deram excellente resultado. O governo tem assentado em emprega-lo no exercito, para dar ordens ás tropas, quando estiverem derramadas por um terreno muito extenso.

POVOAÇÃO DA PENINSULA NO TEMPO DOS ROMANOS.

UMA prova de grande civilização a que tinha chegado ha 18 seculos a Hespanha [que então formava com Portugal um só paiz] foi conservada por Plinio, que nos transmittiu o numero das cidades que existiam então na Península. Eram estas na provincia tarraconense, 179; na Bética 185; na Lusitania 45; e ao todo 409. Este numero de cidades era então muito consideravel, e manifestava um ajunctamento grandissimo de homens, em comparação dos outros paizes do antigo mundo civilizado. Com effeito, sabemos por via de Estrabão que a republica de Carthago não possuia na Africa senão 300 cidades. A Asia, propriamente dicta, essa região tão favorecida pela natureza, só tinha 600, durante o dominio dos romanos. As Gallias [França] cuja extensão era grandissima comparada com a Península, gabavam-se de terem em si 1:200 cidades, segundo refere Josepho, mas é certo que no 5.º seculo não havia ali mais de 115 que tivessem districto, senado, e assembléas populares. Emfim a Inglaterra, quando, no governo de Honorio, foi separada do imperio romano não tinha senão 92 cidades. A Italia era, naquelles tempos, o unico paiz que contava um numero muitissimo grande de cidades; pois refere Eliano que havia nella, no tempo de Alevandre Severo, 1197; isto é, 1 em cada $12\frac{1}{2}$ leguas quadradas, o que excede proporcionalmente o numero das que ha hoje, não só em França, mas ainda em Inglaterra.

Actualmente a Hespanha, sem contar Portugal, encerra, segundo Moreau de Jonés 14:617 cidades e villas, e 23:312 aldêas e povos, sendo o total das povoações 37:929; isto é, uma por cada $1\frac{1}{3}$ legua quadrada.

IMPORTANCIA DO COMMERCIO.

A RAZÃO das nações sobredictas [a Hollanda, França e Inglaterra] se empregarem com tanto cabedal no poder maritimo, é principalmente a utilidade dos commercios, tendo conhecido todas as coroas e republicas, por experiencia, que só commerciando se podem fazer opulentas, e que os fructos das terras proprias apenas bastam ao sustento dos naturaes. O imperador [de Alemanha] e todos os principes da Italia interior são pobrissimos; e as riquezas de Veneza, de Genova, e Florença, todas lhes vem dos seus portos e commercios, sobre os quaes cuidam e vigiam com tal gelozia, especulam com tal attenção, agudeza e menudencia, que puderam parecer nimiedade, e ainda vileza, se não foram as consequencias de tanta importancia.

Mas o nosso caso não é este. Não quero que sejamos ricos: quero sómente que conheçamos a nossa fraqueza, e o nosso evidente perigo, e que tractemos de prevenir o precisamente necessario para conservar a liberdade, o reino, e as conquistas; e supposto que estamos conhecendo e padecendo, com tantos descreditos, a impossibilidade dos quatro palmos de terra que Deus nos deu na Europa, porque nos não havemos de valer da nossa situação, dos nossos portos, dos nossos mares, e dos nossos commercios, em que Deus nos melhorou e avantajou ás nações do mundo? — Todas nos invejam esta felicidade, e deixam as suas patrias, para a vir buscar e lograr entre nós; e só nós nos não sabemos aproveitar della, e enriquecemos as terras estranhas com os instrumentos nascidos e creados na nossa, que a poderam fazer a mais florente e poderosa de todas — *P.º Antonio Vieira.*

ETYMOLOGIA D'ABRIL.

O NOME deste mez deriva, segundo a opinião mais geral, do latim — *aperire* — abrir; e é o unico dos

mezes do anno, cuja denominação faz lembrar a estação em que o collocaram, referindo-se ao abrir das flores da Primavera, e á terra que abre o seu seculo seio brotando copiosa vegetação. Romulo o instituiu com 30 dias, e o seu successor Numa lhe diminuiu um; porém Julio Cesar, quando por conselho de Sosygenes reformou o calendario, lho restituiu, ficando assim até ao presente. Os romanos o tinham consagrado á deusa Venus, pelo que lhe chamavam também *mensis Veneris*, o mez de Venus.

SEMENARIO HISTORICO.

Annos
de
J. C.

1 de Abril.

1405 — Morte de Tamerlão ou Timùrkhan, príncipe tartaro, e um dos mais notaveis conquistadores de que falla a historia. — No decurso da sua vida, que foi de 70 annos, subjugou a Persia, a Syria, a Palestina, a Asia Menor, o Korassan, a Armenia, o Egypto, a Grecia e a India. Fazia-se prestes para conquistar a China, quando a morte veio pôr termo ás suas victorias e crueldades.

1573 — Fallece em Vizeu, sua patria, o nosso Gaspar Barreiros, sobrinho do historiador João de Barros, e auctor da Chorographia de Badajoz a Milão, do Commentario sobre a região de Ophyr, e de outras obras.

2

1512 — Conquista Affonso de Albuquerque a fortaleza de Benestarm, juncto a Góa.

1791 — Morre Mirabeau, o maior orador do seu tempo; e um dos mais habéis chefes da revolução franceza. Tinha de idade 44 annos.

3

1614 — Luiz de Brito de Mello, com a guarnição de Damão e outras tropas portuguezas derrota um capitão do Mogor que fazia correrias até aquella praça. Ficaram no campo mortos mais de 400 inimigos.

4

1284 — Morte de Affonso 5.º rei de Leão e Castella, chamado o Sabio ou o Astronomo.

1512 — D. Duarte de Menezes, governador de Tãgere, com 200 homens de cavallo e 300 de pé, acomete e põe em fugida perto de 3000 mouros, dos quaes 800 eram de cavallo. Mais de 600 inimigos foram passados á espada.

5

1585 — D. Jeronymo Macaranhas toma e arraza a fortaleza de Sanguicer na India.

6

1199 — O celebre Ricardo, Coração de Leão, rei de Inglaterra, e terror dos sarracenos, morre de uma frechada, estando no sitio de um pequeno castello em França.

1385 — Acclamação delrei D. João 1.º, chamado antes o Mestre de Aviz.

7

1498 — Descobre Vasco da Gama a cidade de Mombaga na costa oriental d'Africa.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.